

The Chase

The
Chase

ELLE
KENNEDY

BRIAR U

A BUSCA DE SUMMER E FITZ

Tradução

JULIANA ROMEIRO

BR
BI
BI
BI

Copyright © 2015 by Elle Kennedy e Sarina Bowen

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL The Chase: Briar U

CAPA E FOTO DE CAPA Paulo Cabral

PREPARAÇÃO Lígia Azevedo

REVISÃO Marise Leal e Luciane Helena Gomide

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kennedy, Elle

The Chase : A busca de Summer e Fitz / Elle Kennedy, Sarina Bowen ; tradução Juliana Romeiro. — 1ª ed. — São Paulo : Paralela, 2019.

Título original: The Chase : Briar U.
ISBN 978-85-8439-136-3

1. Ficção canadense (inglês) I. Título. II. Série.

19-23217

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura canadense em inglês 813

Cibele Maria Dias — Bibliotecária — CRB-8/9427

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
editoraparela.com.br
atendimentoao leitor@editoraparela.com.br
facebook.com/editoraparela
instagram.com/editoraparela
twitter.com/editoraparela

The Chase

BRIAR U

1

SUMMER

“Você está de brincadeira?” Encaro, boquiaberta, as cinco garotas que estão me avaliando. Todas têm cor de cabelo, pele e olhos diferentes, mas não consigo distinguir uma da outra, porque suas expressões são idênticas. Tem *muita* arrogância por trás do falso remorso que tentam transmitir, como se estivessem arrasadas com a notícia.

Rá! Sei que estão adorando.

“Sinto muito, Summer, mas não estou de brincadeira.” Kaya me oferece um sorriso condescendente. “O comitê de ética leva muito a sério a reputação da Kappa Beta Nu. Fomos informadas esta manhã pela diretoria central...”

“Ah, é? Vocês receberam uma carta?”

“Não, um e-mail”, ela responde, sem se dar conta de que eu estava sendo irônica, e joga o cabelo sedoso por cima do ombro. “A diretoria ressaltou que todas as garotas da fraternidade têm que respeitar os padrões de comportamento estabelecidos pelo comitê, ou nossa reputação correria risco.”

“E *temos* que manter nossa reputação”, interrompe Bianca, me fitando com olhos suplicantes. Das cinco garotas na minha frente, ela parece a mais razoável.

“Principalmente depois do que aconteceu com Daphne Kettleman”, acrescenta outra, cujo nome não sou capaz de lembrar.

Não consigo conter a curiosidade. “O que aconteceu com Daphne Kettleman?”

“Intoxicação por álcool”, a quarta garota — acho que o nome dela é Hailey — responde num sussurro enquanto olha furtivamente ao redor,

como se tivesse uma escuta escondida nos móveis antigos da sala de estar da mansão.

“Teve que fazer lavagem estomacal”, a menina sem nome revela, animada. O que me faz imaginar que talvez tenha achado o máximo que Daphne Kettleman quase tenha morrido.

Kaya interrompe, seca. “Chega de falar dela. Você não tinha nem que ter tocado no assunto, Coral...”

Coral! É esse o nome dela. Soa tão idiota agora quanto quando a garota se apresentou, quinze minutos atrás.

“Não falamos em Daphne nesta casa”, explica Kaya.

Meu Deus. Uma mísera lavagem estomacal e a pobre garota vira o próprio Voldemort? A sede da Kappa Beta Nu na Universidade Briar é muito mais rigorosa do que a da Brown.

Pra você ter uma ideia, estou sendo expulsa antes mesmo de entrar.

“Não é nada pessoal”, continua Kaya, oferecendo outro sorriso falso para me consolar. “Nossa reputação é muito importante, e apesar de seu histórico familiar...”

“Histórico *presidencial*”, ressalto. *Rá! Engole essa, Kaya!* Minha mãe foi presidente de uma sede da Kappa nos dois últimos anos da faculdade, assim como minha avó. As mulheres da família Heyward são sinônimo de Kappa Beta Nu, assim como os homens são sinônimo de abdome definido.

“Como eu disse, sabemos do seu histórico *familiar*”, insiste ela, “mas já não damos tanta importância a esses laços ancestrais.”

Laços ancestrais? Quem fala assim? Ela veio direto do passado numa máquina do tempo?

“Temos regras e políticas. E você não saiu bem da sede da Brown.”

“Não fui expulsa da Kappa”, argumento. “Fui expulsa da *Brown*.”

Kaya me encara, incrédula. “Isso é motivo de orgulho para você? Ser expulsa de uma das melhores faculdades do país?”

Respondo com os dentes cerrados. “Não, não me orgulho. Só estou dizendo que, teoricamente, nunca saí da fraternidade.”

“Pode ser, mas isso não significa que tem o direito de morar aqui.”

Kaya cruza os braços sobre o suéter de lã branca.

“Entendi.” Imito sua pose e cruzo as pernas.

Kaya pouisa os olhos invejosos em minhas botas Prada de camurça preta, um presente da minha avó por eu ter entrado na Briar. Dei risada quando abri, ontem à noite — não sei se ela sabe que só estou na Briar porque fui expulsa da Brown. Pensando bem, aposto que sabe e não dá a mínima. Vovó Celeste usa qualquer pretexto pra comprar algo da Prada. É minha alma gêmea.

“E você só pensou em me avisar *depois* que empacotei minhas coisas em Manhattan e vim até aqui?”, pergunto, com um toque de rispidez na voz.

Bianca é a única que tem a decência de parecer culpada. “Sentimos muito, Summer, de verdade. Mas, como Kaya disse, a diretoria só entrou em contato hoje de manhã, então tivemos que votar e...” Ela encolhe os ombros de leve. “Desculpe”, repete.

“Então vocês decidiram que não posso morar aqui.”

“É”, diz Kaya.

Olho para as outras. “Hailey?”

“Halley”, ela me corrige, com frieza.

Tanto faz. Como se eu tivesse obrigação de lembrar o nome delas... A gente literalmente acabou de se conhecer. “Halley.” Olho para a próxima garota. “Coral.” E para a garota seguinte. Droga. Não tenho a menor ideia do nome dessa. “Laura?”

“Tawny”, ela rosna.

Chutei errado...

“Tawny”, repito. “Vocês têm certeza disso?”

As três acenam com a cabeça.

“Legal. Obrigada pela perda de tempo.” Levanto, jogo o cabelo para trás do ombro e começo a enrolar o cachecol vermelho de caxemira em volta do pescoço de um jeito um pouco vigoroso demais, que parece incomodar Kaya.

“Não seja tão dramática”, ela diz, sarcástica. “E para de agir como se fosse *nossa* culpa você ter tacado fogo naquela casa. Acho que a gente tem o direito de não querer morar com uma *incendiária*.”

Me esforço para manter a calma. “Não taquei fogo em nada.”

“Não foi isso que as meninas da Brown disseram.” Ela aperta os lábios. “Bom, temos uma reunião em dez minutos. Acho melhor você ir embora.”

“Outra reunião? Poxa, que agenda lotada!”

“Vamos organizar um evento beneficente esta noite para arrecadar fundos”, diz Kaya, rígida.

Ah... “Pra quem?”

“Hum.” Bianca parece envergonhada. “Precisamos de dinheiro para reformar o porão da mansão.”

Meu Deus. Um evento beneficente pra *elas mesmas*? “Bom, é melhor deixar vocês se prepararem.” Aceno de maneira descuidada com um sorriso zombeteiro e saio da sala.

No corredor, tenho vontade de chorar.

Essas garotas que se fodam. Não preciso delas nem dessa fraternidade idiota.

“Summer, espera.”

Bianca me alcança na porta da frente. Abro um sorriso e pisco depressa para espantar as lágrimas que começaram a brotar. Não vou deixar que me vejam chorando, e ainda bem que deixei as malas no carro e só entrei com a bolsa. Ia ser constrangedor ter que arrastar tudo de volta! Fora que seriam várias idas e vindas, porque nunca viajo com pouca bagagem.

“Olha”, diz Bianca, tão baixo que preciso me esforçar para ouvir. “Você tem sorte.”

Arregalo os olhos para ela. “Por não ter um teto? É, tirei a sorte grande.”

Ela abre um sorrisinho. “Seu sobrenome é Heyward-Di Laurentis. Você nunca vai ficar sem um teto.”

Sorriso timidamente. Isso eu não posso negar.

“Mas, falando sério”, sussurra ela. “Você não ia querer morar aqui.” Seus olhos amendoados correm para a porta. “Kaya é o maior sargento. É o primeiro ano dela como presidente, e o poder está subindo à cabeça.”

“Deu pra perceber”, digo, com frieza.

“Você devia ter visto o que ela fez com Daphne! Finge que foi por causa de bebida, mas na verdade foi só ciúme. Daph dormiu com o ex dela, então Kaya fez da vida da menina um inferno. Num fim de semana em que Daphne estava viajando, Kaya mandou ‘sem querer’”, Bianca faz as aspas no ar, “todas as roupas dela para uns calouros que estavam juntando coisas para doação. Daph acabou saindo da fraternidade e da casa.”

Começo a achar que intoxicação por álcool foi a melhor coisa que aconteceu a Daphne Kettleman, se a tirou desse inferno.

“Tanto faz morar aqui ou não. Como você falou, vou ficar bem.” Uso o tom de voz arrogante de que nada na vida nunca me afeta que aperfeiçoei ao longo dos anos.

É minha armadura. Finjo que minha vida é uma linda casa vitoriana e torço para que ninguém chegue perto o suficiente para ver as rachaduras na fachada.

Mas não importa quão convincente eu tenha sido na frente de Bianca, não há como conter a enorme onda de ansiedade que me atinge assim que entro no carro, cinco minutos depois. Minha respiração fraqueja, meu pulso acelera e fica difícil pensar com clareza.

O que eu faço?

Pra onde vou?

Respiro fundo. *Está tudo bem. Vai dar tudo certo.* Inspiro de novo. Vou dar um jeito. Sempre dou. Já estraguei tudo inúmeras vezes, e sempre encontrei uma solução. É só me concentrar e pensar...

“Cheap Thrills”, da Sia, toca. Alguém ligando. Graças a Deus.

Atendo meu irmão Dean na mesma hora, grata pela interrupção. “Oi!”

“E aí? Chegou ao campus direitinho?”

“Por que não chegaria?”

“Sei lá. Você pode ter dado carona pra algum aspirante a rapper no caminho e decidido fugir pra Miami, que é sempre uma boa receita pra acabar morta por um serial killer. Ah, espera! Você já fez isso.”

“Meu Deus. Em primeiro lugar, Jasper era aspirante a cantor country, e não rapper. Eu estava com mais duas garotas e ia pra Daytona Beach, não Miami. Fora que ele nem pôs o dedo em mim, quanto mais tentou me matar.” Solto um suspiro. “Foi Lacey quem ficou com ele e pegou herpes.”

Um silêncio incrédulo paira do outro lado da linha.

“Dicky?” Dean odeia esse apelido de infância. “Está me ouvindo?”

“Estou tentando entender como você pode achar a sua versão da história melhor do que a minha.” De repente, ele solta um palavrão. “Ah, merda, fiquei com Lacey na sua festa de dezoito anos!” Uma pausa. “A viagem foi *antes*. Que droga, Summer! A gente usou camisinha, mas não custava avisar!”

“Não, você não ficou com Lacey. Você ficou com a Laney, com ‘n’.
Não somos mais amigas.”

“Por quê?”

“Porque ela dormiu com meu irmão quando devia estar comigo na
minha festa. Não foi legal.”

“Verdade. Meio egoísta.”

“Pois é.”

De repente, ouço barulho do outro lado da linha — vento, motor de
carro e alguém buzinando. “Foi mal”, diz Dean. “Acabei de sair do aparta-
tamento. Meu Uber chegou.”

“Aonde você vai?”

“Na lavanderia. Fica em Tribeca, mas é ótima, então vale a distância.
Recomendo.”

Dean e a namorada moram no West Village, em Manhattan. Allie
me disse que nunca viveu num lugar tão chique, mas, para meu irmão,
é uma queda de padrão. A cobertura da família fica no Upper East Side,
nos três últimos andares do nosso hotel, o Heyward Plaza. O prédio em
que Dean mora agora fica perto da escola onde ele dá aula e Allie é uma
das protagonistas de um programa de televisão que é filmado em toda a
Manhattan, então o lugar é conveniente para os dois.

Deve ser bom ter uma casa para morar e tal.

“E você já se instalou na Kappa?”

“Na verdade, não”, confesso.

“Pelo amor de Deus, Summer. O que você fez?”

Fico boquiaberta. Por que minha família sempre presume que é
culpa minha?

“Nada”, respondo, ríspida, mas então a derrota enfraquece minha
voz. “Aparentemente não sou boa pra reputação da fraternidade. Uma
delas me chamou de incendiária.”

“Bem”, Dean diz, sem muito tato. “Você meio que é mesmo.”

“Vai à merda, Dicky. Foi um acidente. Incendiários fazem de pro-
pósito.”

“Então você é uma incendiária acidental. *Incendiária acidental*. É um
ótimo nome para um livro.”

“Maravilha. Por que não vai escrever então?” Não me dou ao traba-

lho de conter o sarcasmo. Meus nervos estão à flor da pele. “Enfim, elas me expulsaram, e agora tenho que arranjar um lugar para morar este semestre.” Um nó fecha minha garganta, surgido do nada, e um soluço sufocado me escapa.

“Você está bem?”, Dean pergunta na mesma hora.

“Não sei.” Engulo em seco. “Eu... isso é ridículo. Não sei por que estou chateada. Aquelas garotas são horríveis, eu não ia gostar de morar com elas. É véspera de Ano-Novo e elas estão no campus! Organizando um evento de arrecadação de fundos, e não uma festa de Réveillon! Não tem nada a ver comigo.”

Não consigo mais segurar as lágrimas. Duas gotas gordas deslizam por minhas bochechas. Fico feliz que Dean não esteja aqui para ver. Já basta me *ouvir* chorando.

“Que droga.”

“Não tem importância.” Seco os olhos molhados, furiosa. “Não tem problema. Não vou chorar por causa de umas cretinas em uma casa superlotada. Não vou deixar isso me afetar. Selena Gomez ia se deixar afetar por *isso*? Claro que não.”

Dean parece confuso. “Selena Gomez?”

“É.” Empino o queixo. “Ela é um símbolo de classe e pureza. Tento me espelhar nela. Em termos de personalidade, digo. De estilo, prefiro Coco Chanel, óbvio, então estou fadada ao fracasso, porque ninguém chega aos pés de Coco Chanel.”

“Claro.” Ele faz uma pausa. “Você está falando da Selena Gomez de que época? Justin Bieber ou The Weeknd? Ou Bieber parte dois?”

Faço cara feia para o celular. “Está falando sério?”

“Qual é o problema?”

“Não são os namorados que definem uma mulher. São as conquistas delas. E os sapatos.”

Olho para minhas botas novas, cortesia de vovó Celeste. Pelo menos em termos de sapatos sou bem-sucedida.

No resto, nem tanto.

“Acho que posso pedir pro papai ligar pro pessoal do alojamento e ver se tem alguma vaga.” Me sinto derrotada. “Mas não queria fazer isso. Ele já teve que mexer os pauzinhos pra me colocar na Briar.”

Também preferia não ter que morar no alojamento. Dividir o banheiro com uma dezena de outras mulheres é meu pior pesadelo. Eu fazia isso na casa da Kappa na Brown, mas pelo menos o quarto era só meu. Duvido que tenham sobrado quartos individuais a esta altura do ano letivo.

Gemo baixinho. “O que eu faço?”

Tenho dois irmãos mais velhos, que nunca, nunca mesmo, deixam passar uma oportunidade de me provocar ou me envergonhar, mas raras vezes demonstram compaixão. “Espera um pouco antes de ligar pro papai”, diz Dean, meio com pressa. “Me deixa ver o que posso fazer primeiro.”

Franzo a testa. “Não tem muito o que você possa fazer.”

“Só espera um pouco pra ligar. Tive uma ideia.” Ouço uma freada do outro lado. “Um segundo. Valeu, cara. Viagem cinco estrelas, com certeza.” Ele bate a porta do carro. “Você vai voltar hoje?”

“Não era o plano”, admito, “mas acho que não tenho escolha. Vou ter que arrumar um hotel em Boston até encontrar uma casa.”

“Eu quis dizer pra Nova York. O semestre só vai começar daqui a algumas semanas. Achei que ia ficar na cobertura até lá.”

“Não. Eu queria desfazer as malas, conhecer gente, essas coisas.”

“Bom, isso não vai acontecer hoje, e é o último dia do ano, então você pode muito bem voltar pra casa e comemorar comigo e com Allie. Uns amigos do hóquei vão aparecer também.”

“Quem?”, pergunto, curiosa.

“Garrett, porque o time dele vai jogar em Nova York. E o pessoal que ainda está na Briar também. Você conhece alguns. Mike Hollis, Hunter Davenport. Hunter estudou na Roselawn Prep, acho que é um ano mais novo que você. Pierre e Corsen, mas eles acho que você não sabe quem são. Fitzzy...”

Meu coração dá um pulinho.

“Eu me lembro do Fitzzy”, digo, tão casualmente quanto sou capaz — ou seja, nem um pouco. Até eu noto a empolgação na minha voz.

Mas que culpa tenho? Colin Fitzgerald é simplesmente UM DEUS. Um deus alto, sensual e todo tatuado, por quem tenho uma quedinha.

Bom...

Tá, sou simplesmente maluca pelo cara.

Ele é... mágico. Mas também inalcançável. Em geral, os amigos de Dean do hóquei ficam loucos por mim quando me veem, mas Fitz não. A gente se conheceu no ano passado, quando visitei meu irmão na Briar, e o cara mal me olhou. Quando o vi de novo na festa de aniversário de Logan, outro amigo de Dean, só trocamos umas dez palavras, tipo “oi”, “tudo bem?” e “tchau”.

É muito irritante. Não que eu espere ter todos os homens aos meus pés, mas *sei* que Fitz tem interesse em mim. Notei que os olhos castanhos dele brilham quando me olha. E *muito*.

A menos que eu esteja me iludindo.

Meu pai tem um ditado todo afetado: “Percepção e realidade são coisas muito diferentes. A verdade em geral está em algum lugar entre as duas”. Ele usou isso uma vez nos argumentos finais de um julgamento por assassinato, e agora repete o tempo todo, mesmo que se aplique só de leve à situação.

Se a verdade está em algum lugar entre a aparente indiferença de Colin Fitzgerald por mim (seu desprezo) e o calor que vejo em seus olhos (sua paixão ardente), então... será que posso chegar a um meio-termo e concluir que me vê como amiga?

Contraio os lábios.

Não. De jeito nenhum. Me recuso a ser vista assim antes de tentar minha sorte.

“Vai ser divertido”, Dean diz. “Além do mais, faz séculos que a gente não passa a virada juntos. Então vem logo e me manda uma mensagem quando chegar em Nova York. Tenho que ir. Te amo.”

Ele desliga. Tenho um sorriso tão bobo no rosto que é difícil imaginar que cinco minutos antes estava chorando. Dean pode ser um idiota na maior parte das vezes, mas é um bom irmão mais velho. Ele me apoia quando preciso, e é isso que importa de verdade.

E — graças a Deus! — agora tenho uma festa para ir. Não tem nada melhor que uma festa depois de um dia ruim. É justamente o que eu preciso.

Olho o relógio. Uma hora da tarde.

Faço umas contas depressa. O campus da Briar fica a mais ou menos uma hora de Boston. De lá, são três horas e meia até Manhattan. O que

significa que só vou chegar ao final da tarde e não vou ter muito tempo para me arrumar. Se vou encontrar Fitz hoje à noite, quero me montar da cabeça aos pés.

O cara não sabe o que o aguarda.

2

FITZ

“Vamos dançar?”

Quero dizer não.

Mas também quero dizer sim.

É o que chamo de “dilema Summer” — as frustrantes reações radicalmente opostas que essa deusa de olhos verdes e cabelos dourados desperta em mim.

“Só se for agora” e “nem morto”.

Levar pra cama. Fugir dela como o diabo foge da cruz.

“Valeu, mas não gosto de dançar.” É verdade. Odeio dançar.

Além do mais, quando se trata de Summer Di Laurentis, meu instinto de fuga sempre vence.

“Você é um chato, Fitzy.” Ela estala a língua em reprovação, atraindo meu olhar para seus lábios. Carnudos, rosados e brilhantes, com uma pinta acima do canto esquerdo.

É uma boca muito sexy.

Cara, tudo nela é muito sexy. Summer é de longe a garota mais bonita do bar, e todos os homens à nossa volta me encaram com inveja ou com raiva por estar com ela.

Não que eu esteja *com* ela. Só estou de pé *ao lado* dela, com meio metro de distância entre nós. Distância que Summer continua tentando reduzir.

Em defesa dela, Summer praticamente tem que gritar no meu ouvido para que eu consiga ouvi-la por cima da música eletrônica que explode nas caixas de som. Não gosto de música eletrônica nem desse tipo de bar, com pista de dança e som num volume ensurdecedor. Qual é o

sentido? Se quer abrir uma casa noturna, chama de casa noturna. O dono do Gunner's Pub deveria ter chamado o lugar de Gunner's Club. Aí eu teria dado meia-volta só de ver o letreiro e poupado meus tímpanos.

Não é a primeira vez esta noite que quero matar meus amigos por terem me arrastado para o Brooklyn na véspera de Ano-Novo. Preferia estar em casa, bebendo umas cervejas e vendo a contagem regressiva na televisão. Sou um cara sossegado.

“Sabe, me falaram que você era rabugento, mas eu não tinha acreditado.”

“Quem te falou?”, pergunto, desconfiado. “E eu não sou rabugento.”

“Hum, verdade... é uma palavra meio velha. Que tal mal-humorado?”

“Não sou mal-humorado.”

“Desanimado é melhor?” A expressão dela é de pura inocência. “Sério, Fitz, o que você tem contra se divertir?”

Um sorriso involuntário me escapa. “Nada.”

“Tá bom. Então o que você tem contra *mim*?”, desafia ela. “Toda vez que me aproximo, você foge.”

Meu sorriso desaparece. Não deveria me surpreender que ela esteja me repreendendo em público. Nos vimos só duas vezes, mas foi o suficiente para eu saber que ela é do tipo que gosta de drama.

Odeio drama.

“Não tenho nada contra você.” Dou de ombros e me afasto do bar, pronto para fazer aquilo de que ela acabou de me acusar: fugir.

Um brilho frustrado enche seus olhos. São grandes e verdes, da mesma cor dos olhos de Dean. E o irmão mais velho dela é a razão pela qual me obrigo a ficar na minha. O cara é meu amigo. Não posso sacanear a irmã dele, não só porque respeito Dean, mas pelo meu próprio bem. Já vi o cara sair no braço com outro jogador. Ele tem um bom gancho de direita.

“É sério”, digo, brusco. “Não tenho nada contra você. Estamos numa boa.”

“O quê? Não ouvi a última parte”, ela diz por cima da música.

Aproximo a boca da orelha de Summer e fico surpreso que mal tenha que abaixar a cabeça. Ela é mais alta do que a média, deve ter um metro e setenta e cinco ou setenta e sete. Tenho um metro e oitenta e sete, e estou acostumado a ficar bem acima das garotas. A mudança é um alívio.

“Falei que estamos numa boa”, repito, mas calculei mal a distância, e meus lábios roçam a orelha dela. Vejo que Summer se arrepia.

Minha boca tão perto da dela me deixa arrepiado também. Summer tem um cheiro delicioso, uma mistura fascinante de flores, jasmim, baunilha e... sândalo? É de enlouquecer qualquer homem. E o vestido... Um tomara que caia branco, tão curto que mal cobre as coxas.

Aí fica difícil.

Me endireito depressa, antes que faça alguma burrice, tipo dar um beijo nela. Tomo um longo gole de cerveja, só que a bebida desce errado e começo a tossir como se estivéssemos no século XVIII e eu tivesse tuberculose.

Boa, garoto.

“Tudo bem aí?”

Quando paro de tossir, vejo seus olhos verdes brilhando pra mim. Os lábios estão curvados num sorriso diabólico. Ela sabe exatamente o que me deixou desconcertado.

“Tudo bem”, resmungo, no mesmo instante em que três caras totalmente bêbados se aproximam do bar e esbarram em Summer.

Ela tropeça. Quando me dou conta, tem uma mulher linda e cheirosa nos meus braços.

Summer ri e pega minha mão. “Vamos sair desta multidão antes que alguém se machuque.”

Por alguma razão, eu a deixo me levar embora.

Acabamos numa mesa alta perto da divisão entre a péssima pista de dança e o salão principal. Uma rápida olhada em volta revela que quase todos os meus amigos estão bêbados.

Mike Hollis, que mora comigo, está se esfregando numa morena bonita que não parece se incomodar nem um pouco. Foi ele quem insistiu para vir ao Brooklyn, em vez de ficar na região de Boston. Queria passar o Ano-Novo com o irmão mais velho, Brody, que desapareceu no momento em que chegamos. Acho que a garota é um prêmio de consolação por ter sido dispensado por Brody.

Hunter, que também mora com a gente, está dançando com três garotas. Isso mesmo, três. Estão todas quase lambendo a cara dele, e tenho quase certeza de que uma delas enfiou a mão dentro da calça do cara. Ele está adorando, claro.

Que diferença um ano faz. Na temporada passada, Hunter ficava todo desconfortável com a atenção feminina, porque fazia com que se sentisse meio babaca. Agora, parece perfeitamente à vontade com os benefícios de jogar hóquei pela Briar. E vai por mim: são muitos.

Sem brincadeira — atletas são os caras que despertam mais interesse na maioria das universidades. Se você estuda num lugar que tem um bom time de futebol americano, na certa tem uma fila de garotas querendo pegar o quarterback. Se a especialidade for basquete, as fãs se multiplicam em março, quando a temporada esquenta. A equipe de hóquei da Briar já venceu o campeonato nacional dezenas de vezes e tem mais jogos transmitidos na televisão do que qualquer outra faculdade do país, o que faz com que seus jogadores sejam tratados como deuses.

Tirando eu, claro. Tá, eu sou bom, não tenho dúvidas. Mas nunca me senti à vontade com termos como “deus e “astro”. No fundo, sou um grande nerd. Disfarçado de deus.

“Hunter não é bobo, não”, Summer comenta, analisando o harém dele.

O DJ parou com as músicas eletrônicas e agora está tocando os últimos hits. Também diminuiu o volume, provavelmente por causa da contagem regressiva que se aproxima. Mais trinta minutos e posso fugir.

“Não mesmo”, concordo.

“Tô chocada.”

“Ah, é?”

“Muito. Em geral, os garotos de Greenwich no fundo são puritanos.”

Como ela sabe que Hunter é de Connecticut? Acho que não trocaram mais do que algumas poucas palavras. Dean contou? Ou talvez...

Mas não importa, porque, se *importasse*, a sensação estranha no meu peito seria ciúme. O que, francamente, é inaceitável.

Summer corre os olhos pela multidão mais uma vez e empalidece. “Eca. Que nojo.” Ela coloca as mãos ao redor da boca, como num megafone, e grita: “Segura essa língua, Dicky!”

Uma gargalhada me escapa. Não é possível que ele tenha ouvido, mas acho que Dean tem algum tipo de radar, porque afasta abruptamente os lábios da namorada e vira a cabeça em nossa direção, então mostra o dedo do meio para Summer.

Ela sopra um beijo para ele.

“Ainda bem que sou filho único”, comento.

A garota sorri para mim. “Você não sabe o que está perdendo. Atormentar meus irmãos é um dos meus passatempos favoritos.”

“Percebi.” Ela chama Dean de “Dicky”, um apelido de infância que alguém mais legal teria parado de usar anos atrás.

Por outro lado, Dean às vezes a chama de “melequenta”, então talvez ela tenha o direito de azucriná-lo.

“Esta noite ele merece. Não acredito que estamos num bar no *Brooklyn*”, resmunga Summer. “Quando Dean disse que íamos passar o Ano-Novo em Nova York, achei que estava falando de Manhattan. Me sinto traída por terem me arrastado pra cá.”

Sorriso. “O que tem de errado com o Brooklyn? O pai de Allie mora aqui, não?”

Summer faz que sim com a cabeça. “Os dois vão passar o dia com ele amanhã. Mas, para responder à sua pergunta, o Brooklyn tem tudo de errado. Costumava ser legal antes de ser invadido pelos hipsters.”

“Eles ainda existem? Achei que essa palhaçada tinha acabado.”

“Nossa, não. E não acredite no contrário.” Ela finge estremecer. “Eles tomaram o bairro inteiro.”

Summer diz “*eles*” como se os hipsters transmitissem uma doença horrível e incurável. Ela não deixa de ter razão: olho com mais cuidado para as pessoas no bar e reparo na profusão de roupas vintage entre os homens, com calças jeans dolorosamente justas e acessórios retrô combinados com o que há de mais novo em termos de tecnologia. E muitas, muitas barbas.

Esfrego a minha, me perguntando se ter barba me torna um hipster. Deixei crescer neste inverno, porque tem feito muito frio, e ela esquenta um pouco. Semana passada, ventou como nunca tinha visto. Quase congelei.

“Eles são tão...” Ela procura a palavra certa. “Babacas.”

Tenho que rir. “Nem todos.”

“A maioria”, diz. “Tá vendo aquela garota ali? De trança e franja? Está usando um cardigã Prada de mil dólares com uma camiseta de cinco dólares que provavelmente comprou no Exército da Salvação e esses sapatos bizarros cheios de pompons que vendem em Chinatown. É uma fraude completa.”

Franzo a testa. “Como você sabe que o cardigã custou mil dólares?”
“Porque tenho um igual, só que cinza. E sou capaz de identificar qualquer peça da Prada.”

Não duvido. Aposto que, assim que saiu da barriga da mãe, ela foi vestida num macaquinho de grife. A família de Summer e Dean é podre de rica. Os pais são advogados bem-sucedidos que já eram ricos antes de se casar, então agora são uma espécie de superdupla cheia da grana que provavelmente seria capaz de comprar um país pequeno sem nem fazer cócegas na conta bancária. Já dormi algumas vezes na cobertura deles em Manhattan, e é surreal. Eles também têm uma mansão em Greenwich, uma casa de praia e um monte de outras propriedades pelo mundo.

Eu mal dou conta de pagar o aluguel da casa que divido com outros dois caras. Mas estamos procurando alguém para ocupar o último quarto vazio, então devo passar a pagar menos.

Não vou mentir — o fato de que Summer mora em uma cobertura e tem roupas que custam milhares de dólares é meio perturbador.

“Hipsters são um pé no saco. Prefiro... aaah! Eu *amo* essa música! No ano passado, entrei nos bastidores do show dela no Garden e foi *incrível*.”

Só consigo pensar em como é forte o déficit de atenção dela.

Disfarço um sorriso, enquanto Summer se esquece completamente do discurso contra os hipsters e começa a balançar a cabeça ao ritmo de uma música da Beyoncé. Seu rabo de cavalo alto se agita, descontrolado.

“Tem certeza de que não quer dançar?”, ela implora.

“Absoluta.”

“Você é péssimo. Volto já.”

Num piscar de olhos, ela não está mais ao meu lado. Pisco de novo e a vejo na pista de dança, com os braços no ar, o rabo de cavalo girando e os quadris se movendo com a música.

Não sou o único a observá-la. Um mar de olhos cobiçosos acompanha seus movimentos. Summer não percebe ou não se importa. Ela dança sozinha, sem um pinga de constrangimento. Parece muito confortável em sua própria pele.

“Minha nossa”, murmura Hunter Davenport, se aproximando da mesa. Como a maioria dos homens ao redor, está olhando para Summer com uma expressão que só pode ser descrita como pura sede. “Acho que

Summer não perdeu o jeito.” Hunter lança outro olhar voraz na direção dela. Quando percebe a confusão em meu rosto, acrescenta: “Ela foi animadora de torcida no colégio. E fez parte da equipe de dança também”.

Quando foi que eles conversaram o suficiente para que ele saiba isso?

A sensação desconfortável retorna, dessa vez subindo pela minha coluna.

Mas não é ciúme.

“Animadora de torcida e parte da equipe de dança, é?”, pergunto, casualmente. “Ela te contou isso?”

“Estudamos na mesma escola”, Hunter revela.

“Não brinca.”

“Pois é. Ela estava um ano à minha frente, mas, vai por mim, qualquer hétero conhecia de cor as coreografias de Summer Di Laurentis.”

Aposto que sim.

Ele dá um tapa no meu ombro. “Vou ao banheiro e depois pegar outra bebida. Quer alguma coisa?”

“Não precisa.”

Não sei por quê, mas fico aliviado que Hunter não esteja por perto quando Summer retorna à mesa, com o rosto corado pelo exercício.

Mesmo com o frio que faz lá fora, ela não está de meia-calça e, como diria meu pai, tem pernas que não acabam nunca. Longas, lisas e lindas, que provavelmente ficariam ainda mais sensuais envolvendo minha cintura. O vestido branco realça o bronzeado, resultando em um visual quase hipnotizante.

“Então você vai...” Limpo a garganta. “Você vai para a Briar este semestre, né?”, pergunto, tentando não pensar em seu corpo escultural.

Ela confirma, animada. “Vou!”

“Vai sentir saudade de Providence?” Sei que Summer estudou dois anos e meio na Brown, metade do curso dela. Se fosse eu, odiaria começar do zero em outro lugar.

Mas ela nega com a cabeça. “Na verdade, não. Não gostava muito nem da cidade nem da faculdade. Só fui pra lá porque meus pais queriam, já que não passei em Harvard nem Yale, onde eles estudaram.” Ela dá de ombros. “Você sempre quis estudar na Briar?”

“Sempre. O departamento de artes visuais deles é muito respeitado.

E o time de hóquei é fenomenal, claro. Tenho bolsa integral e estou estudando algo de que gosto de verdade, então...” Dou de ombros.

“Isso é tão importante. Digo, fazer o que se gosta. Muita gente não tem essa oportunidade.”

A curiosidade me vence. “O que você gosta de fazer?”

Ela me oferece um sorriso autodepreciativo. “Quando descobrir te conto.”

“Qual é? Aposto que tem alguma coisa pela qual você é apaixonada.”

“Bom, já tive várias paixões. Design de interiores, psicologia, balé, natação. O problema é que nunca dura. Perco o interesse depressa. Acho que ainda não encontrei uma de longo prazo.”

A sinceridade me surpreende um pouco. Ela parece muito mais pé no chão esta noite do que nas outras vezes em que a vi.

“Estou com sede”, Summer anuncia.

Contenho a vontade de revirar os olhos, porque acho que foi uma indireta para eu comprar uma bebida para ela. Só que não foi. Com um sorriso travesso, Summer toma a cerveja da minha mão.

Nossos dedos roçam brevemente, e finjo não notar a centelha de calor que sobe pelo meu braço. Eu a observo enquanto seus dedos envolvem a garrafa de Bud Light e ela dá um longo gole.

Suas mãos são pequenas, e os dedos, delicados. Seria um desafio desenhá-las, capturar a intrigante combinação de fragilidade e segurança. As unhas são curtas e arredondadas, e as pontas estão pintadas de branco — sei que tem um nome pra isso. É um estilo simples demais para alguém como Summer. Eu imaginaria garras bem compridas, pintadas de rosa ou coisa do tipo.

“Você está fazendo de novo.” O tom é acusatório. Ela parece um pouco irritada também.

“O quê?”

“Se esquivando de mim. Mal-humorando.”

“Isso não é uma palavra.”

“Quem disse?” Ela toma outro gole da cerveja.

Meu olhar se fixa em seus lábios na mesma hora.

Droga, tenho que parar de fazer isso. Ela não faz meu tipo. Quando conheci Summer, tudo nela indicava que era a típica menina de frater-

nidade. As roupas de grife, as ondas e mais ondas de cabelo louro, as feições de parar o trânsito.

Também não sou o tipo dela. Não tenho ideia de por que está passando a noite de Ano-Novo com um idiota todo tatuado e desarrumado como eu.

“Desculpa. Não sou muito de falar. Não leva pro lado pessoal, tá?”
Roubo minha garrafa de volta.

“Pode deixar. Mas, se você não está a fim de conversar, vai ter que me distrair de outra forma.” Ela coloca as mãos nos quadris. “E se a gente se pegasse um pouco?”